

MARIA JOÃO MARTINS

COMO O AR QUE RESPIRAS

O telefone de Angie soou, no final da tarde de uma esplanada em Hyde Park, como uma blasfêmia. O silêncio confortável dos casais de meia-idade, as sussurradas bisbilhotices das amigas, as leituras dos circunstantes solitários interromperam-se muito bruscamente durante a fracção de tempo em que todos procuravam, nos bolsos mentais, a máscara da impassibilidade com que queriam reagir aos acordes polifónicos do «Je t'aime, moi non plus». Angie não estava – fora ao balcão pedir mais um café, mas deixara o telefone desamparado em cima da mesa. Parecia impossível: a memória transgressora de Serge Gainsbourg irrompendo assim num jardim inglês.

Tão surpreendido como os demais, Gabriel, que a esperava, precipitou-se sobre o telefone e atendeu-o, sem o dever, na esperança de neutralizar tanta censura silenciosa. Digo surpreendido e a verdade é que, muito honestamente, ainda não encontro melhor termo porque, bem vistas as coisas, Angie era quase tão desconhecida para ele como para os outros circunstantes da esplanada. Assim sendo, o que lhe dizia aquele toque de telemóvel sobre uma mulher que, não sendo exactamente misteriosa, nada tinha de óbvio?

Quando ela regressou à mesa, informou-a da pequena situação criada na sua ausência:

– Desculpa, tive de atender o telefone. Perante toque tão sugestivo, fui ameaçado de expulsão por vários olhares indignados.

Angie não sorriu nem tão pouco se justificou:

– E quem era?

– Paul? Pode ser?

– Sim.

Conheciam-se pessoalmente naquele encontro. Gabriel estava em Londres para tentar saber mais sobre Elizabeth Barrett Browning, autora do que considerava serem os mais belos poemas escritos em língua inglesa desde os sonetos de Shakespeare. Angie, aliás Angelina Blackwell, era autora de alguns dos estudos «mais refrescantes» produzidos em torno da vida e obra da poetisa oitocentista.

– O que quer dizer com refrescantes, senhor Ferreira? – perguntou-lhe num *mail* que assinava depois de dois ou três *smiles*, indicadores de que a pergunta, como ela própria, vinha em paz.

– Quero dizer os menos inquinados pelo sedutor vírus do ultra-romantismo com que habitualmente se aborda a vida da Sr.^a Browning.

– E será possível fazê-lo? Aliás, será desejável? – perguntava-lhe Angie no *mail* seguinte.

Talvez não fosse. A autora que ambos se propunham estudar fora salva, aos quarenta anos, de uma vida de desolação e doença pela persistência amorosa de um homem mais novo, Robert Browning, que a desposou, a levou para o sol de Itália e com ela teve um filho.

«Em troca, digamos assim por (pouca) graça, Elizabeth escreveu-lhe poemas maiores do que a vida. Leia “How I Love Thee” e diga-me se é possível falar da poesia do casal Browning sem se ser romântico. Ultra-romântico, mesmo.»

Tão leve e graciosamente repreendido, sentado numa esplanada sobre Lisboa, Gabriel abria a sua edição de *Sonetos Portugueses* e relia, pela enésima vez, o poema indicado: «Como gosto de ti (...) Amo-te simplesmente como o ar/que respiras. Ao sol, na escuridão./ Com a audácia de um livre coração. Co’o pudor que a lisonja faz calar (...)/ Amo-te com o desejo, com a ânsia/ Que na dor tive; com a fé da infância;/ Com esse amor que sempre cri perder.»

Tamanha beleza mergulhava-o invariavelmente numa espécie de despeito por esta exaltação – teria Angie conhecido um amor assim, capaz de a redimir de uma vida tão triste, à sepultura tão parecida, como a que Elizabeth Barrett e os irmãos levavam junto de um pai com ares de vilão de Dickens, que a todos, sem excepção, rapazes e raparigas, desviou das mais básicas liberdades?

Não fazia sentido: no mundo de hoje, na civilização ocidental, não havia hipótese de qualquer paralelo, por mais ínfimo que fosse, com a Inglaterra vitoriana. Mesmo assim, continuava Gabriel a cismar, decerto haveria ainda muitas espécies de redenção que só o amor extremo poderia proporcionar. Pensava-o e, estúpida e despropositadamente, não deixava de sentir uma pontada de ciúme. E irritava-se consigo próprio: não poderiam um homem e uma mulher trocar ideias sobre alguns dos mais belos poemas de amor escritos em língua inglesa (nisso estavam de acordo) sem que um projecto de envolvimento romântico lhes saltasse ao inocente caminho da correspondência trocada?

Não sei. O facto é que, a pretexto de aprofundar a investigação, Gabriel viajou para Londres e ei-lo em Hyde Park a ousar atender o telefone de Angie Blackwell, que conhece pessoalmente há menos de uma hora.

Tinha havido uma infinidade de *mails* cada vez menos formais; seguiram-se telefonemas, cada vez mais longos e de frequência crescente, até que concordaram mutuamente em utilizar a *webcam*. Mas só agora, sem *delay*, bloqueios e outros contratemplos informáticos, conhecia os sinais particulares do sorriso, o gesto com que acende o cigarro, o toque inesperadamente despuddorado que escolheu para o telefone. Não sabe o que significa numa mulher de quarenta anos (como Elizabeth, quando um beijo do «príncipe» a despertou para uma segunda vida) dedicar-se ao estudo do período mais violentamente pudico da História de Inglaterra, e porventura da Europa, ao mesmo tempo que se faz acompanhar por uma melodia que todos os circunstantes associam

a puro sexo. Como relacionar a donzela enrubescida por um amor quase serôdio de meados de oitocentos e os gemidos de prazer de Jane Birkin e Serge Gainsbourg?

Intimamente, Gabriel admite estar confuso. De Angie pouco sabe, para além do tema de estudo que elegeu, da sua paixão por Londres onde nasceu e vive e que ele agora tenta habitar sem a auto-indulgência do turista. Alugara um estúdio minúsculo e caro em Queensway, mas, à noite, a solidão pesava-lhe. Tinha alguns livros, em português e inglês, o computador portátil e uma máquina de sons alegadamente relaxantes, uma frivolidade encontrada nos armazéns John Lewis que falara ao seu apetite de apaixonado por *gadgets* desprovidos da mais elementar utilidade. Apesar da assinalável variedade de gravações disponibilizadas pela geringonça – ondas a rebentar na praia (o seu preferido), noite de Verão, chuva de Primavera e, mais desconcertante ainda, um coração humano – fartou-se rapidamente e era mais o tempo que passava no café do que em casa.

Aquecia as mãos numa enorme chávena com *cappuccino* duplo e olhava, à beira do encantamento, os bonecos de gengibre que associava aos natais brancos, infinitamente mais etéreos, do Norte da Europa. Era neste ambiente que gostava de mergulhar nos apontamentos sobre E.B.B., gentilmente cedidos por Angie, mas, para ser realmente honesto, distraía-se demasiadas vezes da poetisa, leal súbdita da rainha Vitória, para procurar uma pista que o ajudasse na solução do enigma que, desde aquele primeiro encontro, o obcecava.

«Desde que chegaste foi como se fosse para sempre», escreveu E.B.B. sobre a terça-feira de Maio de 1846 em que Robert Browning ousou transpor a porta do número 50 de Wimpole Street, decerto tão soturna como a casa Usher nas vésperas da sua famosa queda, e se colocou à sua frente, conforme «ameaçara» fazer em larga correspondência trocada desde o ano anterior.

Sem tamanha ousadia, a vida da autora teria sido mais uma das tragédias íntimas e silenciosas em que foi pródiga a época vitoriana.

E.B.B. era a filha mais velha de uma família numerosa e próspera que vivia num lugar do Heresfordshire, designado por Hope's End, nome que só a alma sinistra de Edward Moulton Barrett poderia ter atribuído ao seu próprio lar.

Herdeiro de uma fortuna muito considerável, feita pelos seus antepassados nas plantações da Jamaica, educado em Harrow e Cambridge, comportava-se, em família, como um tiranete. À mulher, de temperamento dócil, poucas forças restavam depois de ter dado à luz doze crianças. Estas cresciam em beleza e inteligência, mas revelavam-se, também elas, incapazes de combater a ditadura parental. Apesar do negrume deste ambiente, E.B.B. recordava a infância com nostalgia. Brincava e estudava afincadamente idiomas tão exigentes como o grego e o francês, lia com avidez e escrevia tragédias em verso.

A sua própria tragédia pessoal começou a desenhar-se aos quinze anos, quando uma lesão nas costas lhe afectou irremediável e gravemente os pulmões. Pouco depois, morria-lhe a mãe, o pai vendia Hope's End e mudava toda a família para a capital do Império. No número 50 de Wimpole Street, a doença de E.B.B. agravou-se. Restava-lhe, dada a combinação fatal da sua debilidade com a loucura furiosa do pai, refugiar-se na poesia e na literatura. Obteve alguma notoriedade e recebia muitas cartas de admiradores e de alguns nomes importantes da literatura da época. Quase todas eram congratulatórias, mas uma delas superava em muito as conveniências epistolares:

«Amo os seus versos com todo o meu coração. Amo estes livros e amo-a a si também.»

O autor de tão exaltada missiva não podia ser outro senão Robert Browning, também ele poeta, sete anos mais novo do que a sua desconcertada destinatária.

– O que terá levado Robert Browning a escrever uma carta tão ousada para a época?

– Para qualquer época, Gabriel. São palavras de fogo.

Angie era uma mulher consideravelmente afirmativa, mas, neste segundo encontro, a pergunta de Gabriel sobre as motivações de R.B. no momento em que dirigira tão apaixonada missiva a uma mulher que lhe era desconhecida deixou-a mesmo no limiar da impaciência.

– São palavras impossíveis de esquecer por quem as recebe.

– E por quem as escreve?

– Não tenho tanta certeza.

A uma afirmação destas seguiu-se necessariamente o silêncio. Tenso, porque cada um o entendeu de modos opostos. O de Gabriel era uma pergunta, o de Angie um cadeado.

– Achas possível que alguém se apaixone pelas palavras escritas de uma pessoa que nunca viu ou sequer ouviu?

– Acho perfeitamente possível. As palavras podem ser uma poderosa arma de sedução. Ou o seu contrário.

– Como o canto de Circe?

– Não, como o de Cyrano de Bergerac.

Fascinava-o a agilidade com que Angie invertia os papéis tradicionais: uma mulher semi-inválida, alegadamente desconhecadora de quaisquer assuntos alheios aos livros, no papel de Cyrano, e R.B., tão mais viajado e em tudo tão mais experiente, como arrebatada Roxanne. Não deixava de ser apaixonante, sobretudo porque Gabriel estava certo de que tal associação de ideias nascera de uma súbita, mas luminosa, inspiração da sua interlocutora.

O que poderia torná-la tão segura da existência de uma palavra de tal modo poderosa que desencadeasse um incêndio na imaginação de um homem que, à data dessa primeira carta, decerto já sofrera desencantos amorosos e, como tal, formara um batalhão de defesas emocionais? Corresponderia tal certeza à esperança de uma mulher romântica ou teria ela própria recebido, alguma vez, a luz de uma palavra assim, dotada de poder fatal e irreversível?

Gabriel optara pelo estudo da poesia e, nessa condição, considerava-se um razoável conhecedor do poder de embelezar a vida que as palavras são capazes de adquirir. Mas não sabia que nem sempre as leva o vento. Não imaginara que algumas delas, assim medidas, pesadas, saboreadas, conseguissem, só por si, transformar vidas em destinos, como na Primavera de 1845 aconteceu a Elizabeth e Robert.

«Amo os seus versos com todo o meu coração. Amo estes livros e amo-a a si também.»

Não, de facto, não são as palavras de um admirador dos méritos literários de uma poetisa, nem tão-pouco a manobra tão calculista como volúvel de um galanteador de circunstância. Quantas vezes esta mulher a quem, para além do trabalho literário, nada acontecia, abriu esta folha de papel até a envelhecer prematuramente, de tão manuseada, aberta, dobrada, porventura escondida em lugares secretos, várias vezes mudados, mas nunca esquecidos? Com que paixão terá R.B. lido os versos de E.B.B. a ponto de não vacilar no tom dessa primeira carta que corria forte risco de ser tomada como abuso? Há palavras imensas, de tão irreversíveis.